

Da Dove Vieni?
Da Curtatone (MN)!

O SÍTIO DO NONNO CVALETTI

(por Mariluci Friia)

O nonno Aristide Andrea Cavaletti e a nonna Roza Barbieri



Estava eu na Itália realizando um sonho, conhecer a cultura e as cidades dos meus ancestrais. Era 22 de setembro de 2006.

Após passar 10 dias em uma excursão onde fui de Milão a Roma e passar 5 dias maravilhosos com meus primos do lado paterno, na Calábria, retorno à Lombardia com o intuito de conhecer a frazione de **Montanara** da cidade de **Curtatone** na província de **Mantova**. No planejamento de minha viagem havia decidido que não sairia da Itália sem conhecer a cidade onde meu querido nonno materno, **Aristide Andrea Cavaletti**, nasceu.

Hospedada em Milão, peguei o trem bem cedo em direção a Mantova para de lá chegar ao meu destino: Montanara. Passei apenas algumas horas lá, pois deveria retornar no mesmo dia, mas essas horas foram o suficiente para me emocionar muito e relembrar momentos maravilhosos de minha infância no “sítio do nonno”, que era assim que o chamávamos.

Em Montanara, fui direto para a prefeitura pegar alguns documentos, para descobrir o nome de meus trisavós, pois mesmo após inúmeras tentativas não havia conseguido nenhuma informação nos documentos do Brasil e na minha árvore genealógica a única parte que não tinha conseguido avançar foi da família Cavaletti. Solicitei na prefeitura uma cópia da certidão original de casamento de meus bisavós e de nascimento de meu nonno Aristide. Sentei em um banco e comecei a lê-las, e aí desabei a chorar de emoção. Na certidão de nascimento de meu nonno estava escrito que devido a estação chuvosa o meu bisavô havia sido dispensado de levar a criança na prefeitura para fazer o registro de nascimento, bastando apenas as testemunhas que declararam que Aristide Andrea Cavaletti havia nascido na frazione de Montanara, cidade de Curtatone em 22 de Setembro de 1891. Eu estava lá no dia de seu aniversário! Sem ter com quem compartilhar a minha emoção apenas agra-



A casa do nonno, com ao fundo o pé de cajamanga.

deci a atendente e lhe disse: “Hoje é o aniversário do meu nonno, mas quem ganhou o presente fui eu!”. Saí da prefeitura e fiquei olhando a planície do rio Pó sentindo uma saudade imensa do nonno, querendo que ele estivesse alí do meu lado e pensando em tudo o que ele representou não só para mim, mas para toda a nossa família... e voltei no tempo.

Era 1973, eu estava com 8 anos de idade, e tanto eu como os meus irmãos mais velhos: Roberto, Margaret e Wagner estávamos eufóricos, enquanto a minha mãe preparava os lanches e as maçãs que iríamos levar no trem na viagem que faríamos a Alvares Machado, no interior do estado de São Paulo. Nós iríamos passar o Natal no sítio do nonno!

Tínhamos uma vida muito humilde na cidade de São Paulo, e tudo para nós era encantador. Aquela imensa árvore de Natal na estação Julio Prestes, de onde sairia o trem para Alvares Machado, deixava eu e meu irmão Wagner estupefados. As longas horas que passamos dentro daquele trem, tudo era novidade e tudo era bonito.

Na chegada à cidade de Alvares Machado, como todas as vezes, fomos para a casa da tia Mariquinha, irmã mais velha de minha mãe Olívia e o tio Heder nos levou de jipe para o sítio do nonno que estava a 10 Km da cidade.

A estrada era de terra, passávamos sobre a ponte do córrego do Macaco, nome estranho para o córrego que corta o bairro que possui o mesmo nome. Próximo à casa do nonno havia uma bica d’água e uma casa de João de Barro que eu e meu irmão Wagner não cansávamos de olhar. Na chegada ao sítio sempre alguém descia do jipe para abrir a porteira que dava no terreiro em frente as tulhas, onde muitas vezes brincamos escalando as sacas de amendoim que iam até quase o teto.

Aquela casa branca de janelas azuis, com oito cômodos onde o nonno ficava horas sentado na varanda lendo seu jornal, fumando o seu cachimbo ou cigarro de palha ou ainda conversando em italiano com o seu amigo “o véio Celli” (era assim que todos o chamavam

e nem sei se estou escrevendo seu nome da forma correta). Em uma das conversas com seu amigo resolvi sentar e ficar observando os dois conversarem e pensava: “eu vou entender o que eles estão falando!”. O meu irmão Wagner ria muito de mim e me falava: “...não adianta, você não vai conseguir entender!”. Ele tinha razão, eu realmente não conseguia entender nada, mas hoje estou realizando o sonho de estudar a língua italiana.

Que saudade daquele belo pomar que havia atrás da casa e de quando eu acordava e saía correndo para comer jabuticabas logo pela manhã. E o pé de cajamanga, enorme, que tem o nome gravado de muitos primos, inclusive o meu! Não havia, naquela época, energia elétrica no sítio e a água era de poço. À noite corríamos pelo terreiro que só tinha a claridade da lua ou ficávamos brincando com as nossas sombras que eram formadas pela luz das lamparinas. Quantas vezes brincamos naquele terreiro, corremos pelo pasto para pegar goiaba ou manga rosa ou ainda íamos até o “Córrego do Macaco” para brincarmos na água!

Lembro-me do nonno levantando bem cedo e indo caminhar pelo sítio, ele fazia isso todas as manhã e à tarde também. Muitas vezes ajudei-o a dar milho para as galinhas, ou fiquei brincando com o seu cachimbo ou ainda ajudando-o a fazer um cigarro de palha, mas é lógico sem fumar!

Sempre fomos no verão, e quantas vezes vimos o nonno sair no meio daquelas chuvas torrenciais para tomar banho de chuva, e em uma das vezes fomos atrás dele, para fazermos o mesmo, e ficamos correndo de um lado para outro no terreiro enquanto a chuva caía. Foi estupendo!

Os quase 500 Km que separam a cidade de São Paulo de Alvares Machado fez com que a nossa convivência com o nonno querido fosse pequena, mas as recordações das vezes que fomos para lá são maravilhosas. E este texto é uma forma de agradecer por tudo o que ele representou em nossas vidas e muito do que sou devo a ele, pelo o seu modo de vida que foi passado para minha mãe e que dela herdamos. Ele foi uma pessoa muito

caridosa e íntegra e tenho muito orgulho de ser sua “nipote”. Após sua morte, em 1980, o sítio foi vendido, mas quando fecho os olhos ainda o vejo sentado na varanda, ou caminhando com seus passos curtos pela casa e sinto o cheiro da chuva que caía naqueles dias de verão.

Aristide Andrea Cavaletti chegou em 16/05/1898 ao porto de Santos com seus pais Giacomo Cavaletti e Fortunata Quiri e seus irmãos Luigia Catterina, Angelo e Arturo, no vapor Minas e passou pela Hospedaria dos Imigrantes. Nasceram mais dois irmãos no Brasil: Ernesto e Rosalia. Ele sempre contava uma história para minha mãe que quando estava no navio, vindo para o Brasil, tinha uma outra criança que não lhe dava sossego e que o deixava muito irritado porque o chamava de “berretta rossa” (ele usava um boné vermelho!). Depois de longos anos, a minha tia Mariquinha casou-se e sua sogra era irmã desta criança que não lhe dava sossego no navio. Com esta história fico imaginando o nonno com 6 anos de idade, loirinho de olhos bem azuis correndo pelo navio com seu boné vermelho, sem entender em sua inocência de criança que estava mudando para um outro país pelas dificuldades que a Itália pós unificação estava passando.

Aristide casou-se em 1915 com Roza Barbieri, que nasceu em Matão em 1895 e que também era filha de Mantovanos, sendo meu bisavô Giovanni Barbieri nascido em Felonica e minha bisavó Maria Buganza nascida em Sermide. Eles chegaram ao porto de Santos com as minhas tias avós Annunziata e Ida Barbieri em 01/11/1891 no vapor Las Palmas, também passaram pela Hospedaria dos Imigrantes e foram trabalhar nas fazendas de café na região de Araraquara. Tiveram mais um filho aqui no Brasil chamado Inocêncio Barbieri. Não tive oportunidade de conhecer a nonna Roza, mas cada vez que minha mãe conta como ela era começo a imaginá-la. Ela era muito calma e quieta e apesar de ter nascido no Brasil falava muito pouco o português, pois morou a maior parte de sua vida em colônias italianas. Toda véspera de natal, ela passava a noite inteira fazendo as massas que seriam servidas no dia seguinte e que eram deliciosas. Acabei descobrindo, em minhas pesquisas sobre a província de Mantova, que o “turtéi” que minha nonna fazia é uma comida típica de Mantova e que o nome correto é **Tortelli di Zucca** e quando lá estava fiz questão de provar em homenagem a ela. Aristide e Roza tiveram nove filhos sendo a filha mais nova minha mãe Olívia.

A frazione de Montanara, na cidade de Curtatone, foi palco de uma das batalhas dos Bersaglieri na “1.ª Guerra da Independência” em 29 de maio de 1848, com o batalhão universitário toscano. Os austríacos venceram esta batalha, onde morreram muitos jovens estudantes. Houve um voluntário nesta batalha muito importante, chamado **Carlo Lorenzini**, que usava o pseudônimo de **Collodi (1826-1890)**. O autor de **Pinocchio**, que nasceu em Florença, contava que dormiu nos prados de Montanara e que sentia muita falta de cigarros, tabaco e de escrever cartas.